

## O CORPO EM COSTURA, CORPO EM ABERTURA

### THE COSTURED BODY: FISSURING THE BOOK OF SCIENCES

Dhemersson Warly Santos Costa<sup>3</sup>

Maria dos Remédios de Brito<sup>4</sup>

#### Resumo

O ensaio pretende tecer linhas reflexivas acerca o corpo através de um exercício de criação imagética de corpos (im)possíveis costurados sobre a superfície do livro didático de ciências. A produção das imagens costuradas parte da seguinte questão: *é possível criar um corpo para além do discurso biológico no livro didático?* Tomamos como aliança conceitual a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na construção do mote argumentativo: *é possível pensar e produzir um corpo para si que percorra outras linhas, aquelas que se chamam molares, moleculares e linhas de fuga.* Um corpo atravessado pelo desejo, sendo este a instância produtiva que o rasga, desfazendo formas e costurando outras composições e arranjos.

**Palavras-chave:** Corpo. Diferença. Devir.

#### Abstract

The essay intends to weave reflective lines about the body through an imaging exercise of possible (im) bodies sewn onto the surface of the science textbook. The production of the stitched images starts from the following question: *is it possible to create a body beyond the biological discourse in the textbook?* We take as a conceptual alliance the philosophy of difference between Gilles Deleuze and Félix Guattari, in the construction of the argumentative motto: *it is possible to think and produce a body for itself that runs along other lines, those that are called molars, molecular and lines of escape.* A body crossed by desire, this being the productive instance that rips it, undoing forms and sewing other compositions and arrangements.

**Keywords:** Body. Difference. Devir.

---

<sup>3</sup> Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas/UFPA. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica dhemerssonsantos@hotmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará; Pós Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de Campinas-UNICAMP. Professora da Universidade Federal do Pará. Ligada aos Programas de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas PPGECM/UFPA e Artes/ICA, UFPA Email: mrdbrito@hotmail.com

## PLANO DE FORÇAS

O ensaio é maquinado a partir da leitura de um livro didático de ciências do 8º ano do ensino fundamental, cujo conteúdo labuta majoritariamente o campo problemático do corpo humano. A obra é recheada de textos científicos, imagens, fotografias e ilustrações gráficas que reproduzem um discurso biológico do corpo, ou mesmo um discurso da ciência com suas funções e demarcações orgânicas. Que a educação em ciências labuta a questão do corpo pelas linhas do pensamento representacional, da neutralidade, da objetividade, da racionalidade técnica e da fragmentação do saber, não dúvidas. O que é digno de questionamento é: o corpo no ensino de ciências somente pode ser ensinado ou problematizado pelas vias da ciência? Seria possível ensinar o corpo emaranhado em outras perspectivas? É possível criar um corpo para além do discurso biológico no livro didático? Ensaier outras composições é o exercício desse ensaio. O mote argumentativo perpassa pela Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, pensadores franceses que problematizam o corpo dentro de uma organicidade e afirmam que o corpo atravessa agitações de todas as ordens, dessas agitações podem pulular miríades de vida e de existência. Sem pretensões denunciativas a respeito do conteúdo no livro de ciências, acreditamos que muitos estudos já destinam esforços para expor a questão do discurso científico como produção de verdades. O que se pretende é um exercício de criação imagética de corpos (im)possíveis a partir do livro didático de ciências. Argumenta-se que o corpo é costurado por linhas molares, moleculares e linhas de fuga, o desejo é a instância produtiva que rasga o corpo, desfazendo formas, costurando outros arranjos. O corpo costurado pelo desejo é um corpo sem órgãos, um corpo em devir.

## O CORPO NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA

O pensamento no ocidente moderno esteve engendrado nas tramas provocativas de uma geografia ortodoxa, moral e julgadora, que labuta no apagamento das multiplicidades e da exceção. Um pensamento compromissado com a

representação, promovendo a identidade, a semelhança e a repetição do mesmo, e nele se reforça o exercício de mortificação do corpo e da linguagem, negando, sobretudo, a diferença (SCHOPKE, 2012).

Na obra “*Diferença e Repetição*” (2006), Deleuze denuncia o dogmatismo do pensamento, fundamentado em uma filosofia da tradição, que não cessa de subjugar a diferença ao identitário. Tal pensamento produziu variações nos modos de entender, significar e sentir a vida. Uma verdadeira força recognitiva do que se *é*, enveredado para o caminho reto e moralizante, uma busca pelo *telos*, uma objetividade, um porto seguro (DELEUZE, 2006).

Na modernidade o pensamento da representação, da semelhança e da generalidade, estabelece novas alianças, tencionando um modelo de racionalidade e de conhecimento que oferece ao sujeito o *status quo* de senhor de si e da natureza, cujas faculdades lhe permitem descobrir o mundo e controlar a natureza, através de um método científico. Nessa discussão, René Descartes (2004) figura como um importante pensador na criação das bases fundamentais do conhecimento científico, ao estabelecer algumas prescrições para alcançar um conhecimento puro, límpido de qualquer influência externa, quais sejam: neutralidade, objetividade, especificidade, universalidade, experimentação e a fragmentação do conhecimento.

Nesses moldes, a ciência busca por uma verdade indubitável, os métodos são ferramentas de apuração e constatação de fenômenos e das leis da natureza “A metodologia científica, portanto, só leva em consideração a explicação de fatos, fenômenos, conceitos a partir de provas concretas e se caracteriza como uma antítese do senso comum subjetivo” (RAMOS; BRITO, 2018, p. 5). Prega-se que a natureza possui suas próprias leis e que o homem é o seu desbravador. No liame entre natureza e cultura, uma separação, um vácuo. A concepção de ciência paira sobre uma verdade indubitável, dada *a priori*, uma realidade que é descoberta pelo homem, e não criada, afastando a noção de ciência como construção humana.

Assim, a passagem da modernidade preconiza um novo tipo de tratamento para o conhecimento verdadeiro, revestido pelo manto da neutralidade que protege o cientista, desbravador da natureza, das paixões da alma, da política. Esse

conhecimento é construído a partir de observação e experimentação, o qual pode ser testado por diferentes pessoas e lugares e padece de uma fragmentação, é preciso compartimentalizar o conhecimento, do geral para o específico, do básico para o complexo.

Toda essa racionalidade é maquinada não apenas o mundo físico, mas também moral, arrastando a vida e a compreensão do mundo para outras veredas, outros olhares. As bases fundamentais do pensamento da representação, em especial, a partir da modernidade, atravessam outros campos do conhecimento, produzem outros agenciamentos, outros arranjos, entre eles a educação em ciências “que se efetiva pela compartimentalização, pela segmentaridade e pela linearidade que conduzem a educação em ciências pela reprodução e pelo reconhecimento” (BRITO; RAMOS, 2018, p. 33).

O corpo humano, matéria presente nos componentes curriculares do ensino de ciências, nos diferentes níveis de ensino (infantil, fundamental e Médio), é trabalho a partir da lógica da ciência moderna, um corpo fragmentado, organizado, classificado e ordenado, sempre em uma escala crescente, do menor ao maior, das bordas ao centro, do simples para mais específico, compartimentando-o em sistemas, fragmentos. Moléculas, Genes, Tecidos, Órgãos, Sistemas, Organismos. Corpo dividido, em cabeça, tronco e membros... Um repertório orgânico, que concebe em si verdades, universalizações, subjetivando corpos para enquadrá-los numa única forma de ver, sentir e vivenciar seus próprios corpos e, também, o do outro (COSTA; SILVA, 2018).

A fragmentação desse corpo produz generalizações, bifurcações... Homem, Mulher, Masculino, Feminino, Macho, Fêmea. Binarismos impostos pela ciência que congela um possível abalo do corpo, restringindo-o a procriação e explicações biológicas. Há nesse espaço uma recusa em pensar o corpo para além da sua função orgânica e reprodutiva, negligenciando as diferenças e produções estéticas criadas na escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs para o ensino de ciências abordam a temática do corpo, vinculando-o às concepções científicas da biologia, isto é, o corpo é posto, único e exclusivamente, como máquina reprodutiva, cuja função é

“se multiplicar” e povoar a terra, para assim garantir o sucesso evolutivo da espécie (SILVA; COSTA, 2017).

Tal máquina de reprodução precisa ser “vigiada” para não contrair uma Doença Sexualmente Transmissível (DST) e/ou uma inesperada gravidez (SANTOS; BRITO, 2016), ou seja, o que reverbera é uma perspectiva meramente biologizante-medicinista-higienista, a qual enxerta os currículos escolares, predominando explicações anatômicas e fisiológicas do corpo.

No livro didático, artefato cultural disponibilizado aos alunos e professores como uma ferramenta de consulta, podemos perceber como as linhas do pensamento dogmático da ciência é materializado. Quando aborda a temática do corpo é para estabelecer uma verdade a partir de pesquisas científicas que chancelam determinado aspecto, testado em um laboratório, seguindo um rigoroso procedimento metodológico e, por essa razão, puro, indubitável.

O corpo aparece no livro didático ainda nos anos iniciais na perspectiva do toque, do tato, dos sentidos primários. No ensino fundamental e médio, os saberes produzidos em torno do corpo são divididos em parte, de fora para dentro, do geral para o específico, do macro para o micro, ou seja, da estrutura esquelética até chegar aos níveis moleculares.

O que se deseja problematizar é que a ciência instaura no livro didático uma verdade sobre o corpo, inquestionável, produzindo modelos, formas de ver e sentir o mundo. Porém, o corpo não é um território fechado, as linhas que o atravessam não cessam de se desfazer e de se desorganizarem, produzindo cortes, agenciamentos do desejo, novos arranjos rasgados pela potência dos encontros, dos afetos, corpos-outras, por onde vazam processos criativos. O corpo em variações profanas que libertam os movimentos, outras perspectivas de vida, de forças e de acontecimentos, onde tudo é produção, invenção, criação em prol de uma existência que resista, onde brote o heterogêneo, a diferença.

## PLANO DE COMPOSIÇÃO

Existem três espécies de linhas que segmentarizam a vida: as linhas molares, moleculares e de fuga (DELEUZE; GUATARRI, 2013). A primeira é a molar, cuja segmentaridade é dura. Referem-se aos modelos binários, aos códigos sociais que objetivam e significam a vida a partir de um arcabouço de modos únicos de agir. A segunda linha é molecular, sua segmentaridade é mais flexível que a primeira, contudo, ainda que sejam mais maleáveis, suas variações, desvios, operam por movimentos imperceptíveis. A terceira linha é a linha de fuga, nela estão às possibilidades inventivas, criadoras de resistência do corpo.

As linhas, assim como na vida, produzem cortes, novos arranjos, mapas desenhados na intempérie do deserto pela potência dos encontros, dos afetos... Nele não há um destino desconhecido, mas um meio, uma imanência. As linhas de fuga percorrem o espaço sem regras, um plano de composição. O desejo é essa força produtiva que percorre as linhas que segmentarizam a vida, operando tanto por regimes de ordem molar, como também molecular e nas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

As máquinas sociais, engendradas nas linhas molares, são arregimentadas pelas organizações, pelos estratos, pela biologia. Existe todo um discurso científico que engendra o corpo a partir da dicotomia homem e mulher, macho e fêmea, o qual é atestado por métodos científicos, prescrições e testes em laboratório. A ciência produz verdades que são aceitas pela sociedade como princípio único de verdade, adentrando a escola, os livros didáticos e a prática professoral. O desejo também passa por essas linhas duras, mas é pelos regimes moleculares que o desejo desliza produzindo desarranjos, quebras, rupturas, colocando em deriva a própria constituição molar dos corpos biológicos.

O conceito de desejo atravessa toda a história da filosofia, Deleuze e Guattari não o inaugura, mas fazem uma releitura do mesmo, pois na tradição filosófica o desejo é revestido por um movimento idealista, ao ser entendido como aquisição, uma força que caminha sempre em direção a aquilo que não temos. Nessa perspectiva, o

desejo somente irá se manifesta diante de um falta, uma carência, satisfazê-lo é encontrar a parte que nos falta, um vazio, um silêncio. Dessas miragens, Deleuze e Guattari se afastam (2010).

O desejo costura os corpos! Cortes, recortes, estilhaços, desintegração das moléculas, da unidade, para então efetuar acoplamentos, cortando e escorrendo tudo que o atravessa: a corrente plasmática sanguínea carrega o alimento vital para os órgãos, rajada de fluxo menstrual expelle os ovos não fecundados para fora do corpo, às terminações nervosas desembocam o leite materno na boca da criança, corrente de espermatozoides desloca vidas proliferantes, fluxos de hormônios, aquíferos, oxigênio, excrementos... Fluxos produzidos, cortados, conectados... Vazam, escorrem, percorrem o corpo, são engendrados, impelidos, fagocitados, interrompidos por órgãos. Quando o desejo produz fluxos, cortes, conexões nos corpos, as singularidades corporais desvelam sobre a face do abismo as nuances da sua existência.

I

Rasco, corto, costuro... desorganizo,  
Rasco, corto costuro um corpo,  
Rasco, corto, costuro linhas de vida,  
Tasco, corto e costuro novos meios de existir,  
Rasco, corto e costuro (des)identidades,  
Rasco, corto e costuro desejos...

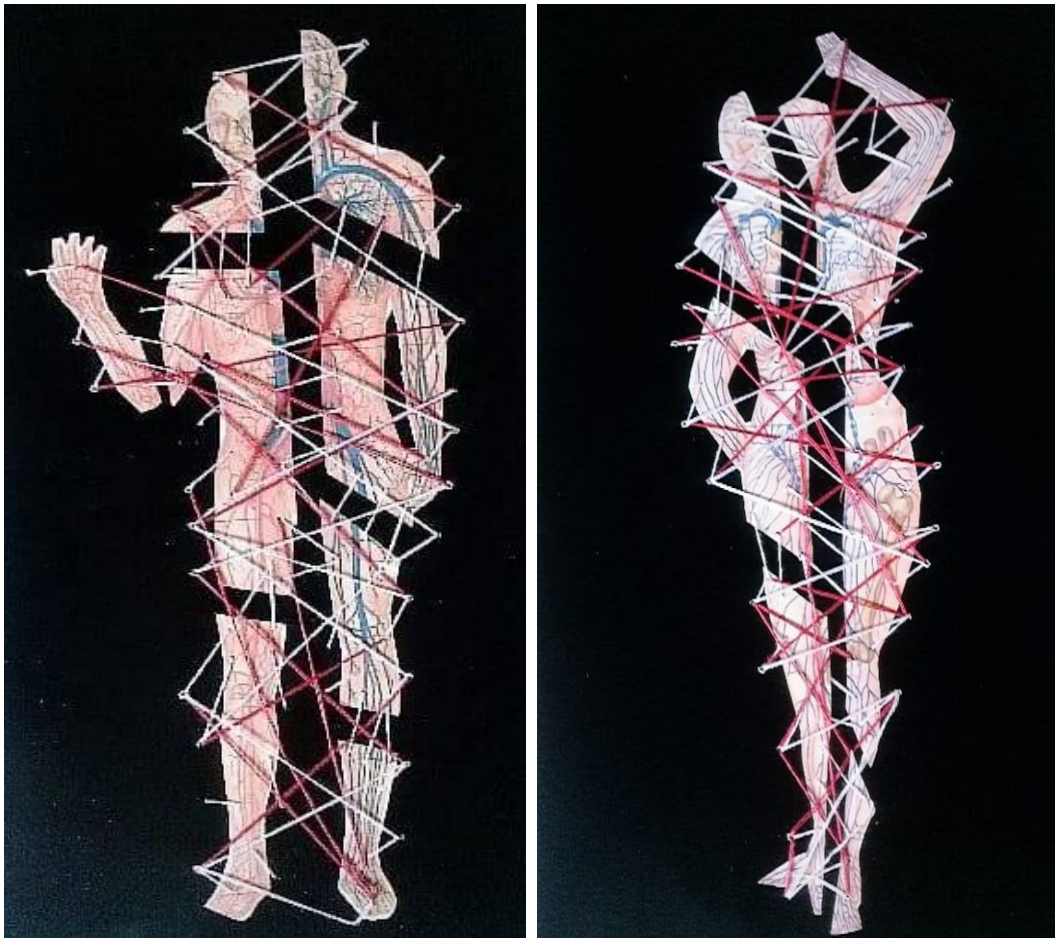


Figura I e II  
Fonte: dos autores



II

Órgãos despedaçam,  
 O corpo ainda pede forma,  
 Os órgãos experimentam,  
 Quer dizer não até a metade,  
 O caminho verdadeiro? Não! Pois o caminho verdadeiro não existe,  
 O corpo pede a singularização, experimentação de cada um... Não julgemos o corpo  
 que pede, corte...

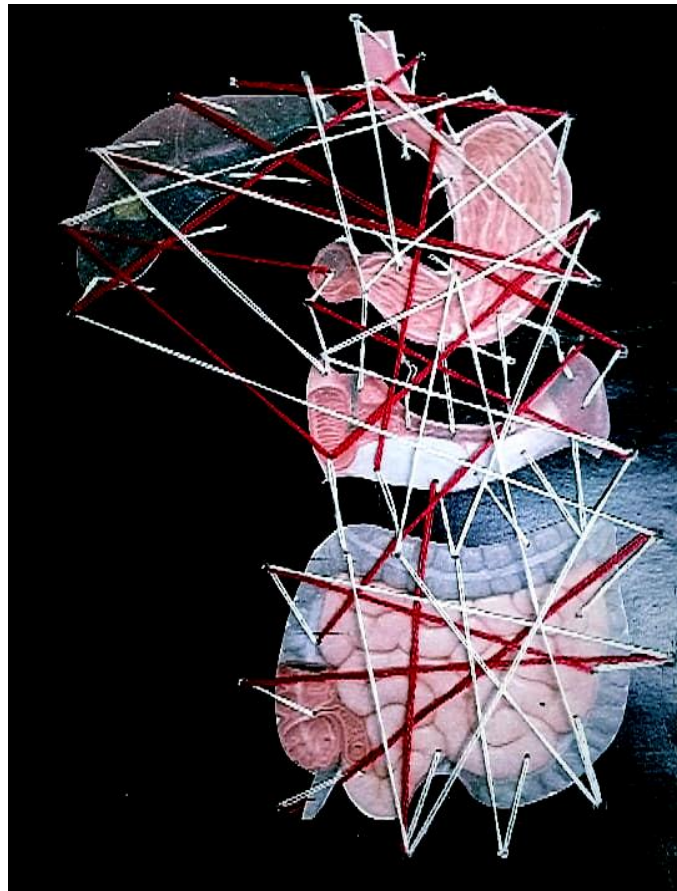


Figura III  
 Fonte: dos autores

A representação nos conduz a navegar por um rio universal, pelas suas semelhanças e generalidades que nos identifica em uma categoria. Os juízos transcendentais bifurcam a vida em duas estradas, uma do bem e a outra do mal. A biologia, em igualmente operação, divide a vida em ordens e classificações. A psicanálise estampa sobre a subjetividade humana o rosto da família. Os delírios de uma máquina social nos revelam os sonhos que assumimos. É representando,

julgando e classificando que organizamos nossos corpos, nos tornamos uma árvore organizada: semente, raiz, caule, ramos, folhas, flores, frutos..., um corpo-árvore com funções, que conhecem o bom e o ruim, que sabem o que desejam, o que são. A vida é maquiada sempre pelo exterior, há sempre o outro a nos dizer o que somos, o que é permitido e o que podemos/devemos desejar. A vida se torna fraca. Libertar a vida do domínio do outro requer um esforço de desorganização do corpo. É preciso criar para si um corpo sem órgãos<sup>5</sup>.

O corpo sem órgãos é uma paisagem, um corpo sem imagem, destituído de rosto, desorganizado. Uma declaração de guerra ao organismo, a função e a estrutura, imponentes inimigos a serem combatidos em nome dos afetos, da potência, da multiplicidade e da experimentação (SILVA, 2000). O corpo sem órgãos se assemelha ao corpo da criança recém-nascida, um corpo vitalista em expansão de forças, cuja forma não é fixa, um corpo que ainda não conhece as regras, os limites, os segredos, o que há são blocos de intensidades, afetos, neles encontramos portais, zonas, vontades de potência.

O desafio é romper com a organicidade muito mais do que com os órgãos, pois ela é o princípio primeiro que sistematizam e funcionalizam os órgãos, nas palavras de Zourabichvili (2004, p. 32) o organismo atua no “funcionamento organizado dos órgãos em que cada um está em seu lugar, destinado a um papel que o identifica”. A biologia trabalha com a funcionalização do corpo, uma espécie de engrenagem em que cada peça possui uma função, uma ordem, por exemplo, o corpo e a sexualidade são reduzidos ao sistema reprodutor humano, pênis, vagina, útero, gônadas, espermatozoides. Compõem uma maquinaria funcionalizada e organizada.

---

<sup>5</sup> O conceito de corpo sem órgãos, uma aliança conceitual entre Deleuze e Guattari, aproxima-se do texto de Antonin Artaud sobre o homem-árvore. O termo começa a ser maquinado pelos autores na obra “O Anti-Édipo” e posteriormente em “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”. Sua construção percorre um estranhamento desses autores com a estrutura do sujeito que comporta um “EU” cingido. O sujeito, uma palavra que Deleuze e Guattari não têm interesse é uma multiplicidade, o sujeito não “é”, ele é um atravessamento, não se fala em pessoa, nem em indivíduo, mas em processos de singularização, que não envolve uma presença, mas um acontecimento, assim, o sujeito é arrastado do centro para as bordas, desarticulado das identidades e da fixidez “Ele não está no centro, ocupado pela máquina, mas na borda, sem identidade fixa, sempre descentrada, concluído a partir dos estados pelos quais passa” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 36).

Esses órgãos apresentam um funcionamento para além das instâncias químicas, físicas e biológicas, eles carregam uma identidade, um modo de habitar o mundo. Quando o sujeito utiliza um órgão para uma função, da qual não foi designado pela sociedade, por exemplo, boca e ânus, órgão ligados ao sistema de digestório, mas que também são zonas acessadas para obtenção prazer, acaba por ser considerado um doente patológico ou um pecador. Ademais, é importante destacar que essas multiplicidades de formas de experimentação do corpo não entram no livro didático. Trata-se de um instrumento do Estado, portanto, suas aproximações são com a verdade da ciência.

Destaca-se que um corpo sem órgãos não é algo natural, não é um presente dado pela natureza, aproxima-se mais de um limite, uma fronteira que devemos alcançar para que a vida e o desejo flutuem (SILVA, 2000). Desorganizar as funções do corpo não é uma tarefa fácil, mas necessária em prol de uma vida mais alegre (MACHADO, 2009). Somente seremos capazes de tal feito se traçamos linhas de fuga, movimentos, andar pelas veredas, pelas dunas do deserto. É importante frisar que é preciso um exercício de prudência, pois o corpo sem órgãos não “é” sem o organismo, não se pode viver eternamente em fluxo. As linhas do desejo também passam pela lentidão, calma, passividade, até mesmo tristeza e dor.

A escola, os currículos, as políticas públicas educacionais e os livros didáticos não reconhecem as potências do corpo sem órgãos, das disjunções que ele é capaz de criar. O que reverbera é a lógica do corpo organizado e funcional. Porém, a escola é habitada por transeuntes, o desejo não cessa de produzir variações nos corpos, mesmo com todas as forças repressivas e disciplinadoras, os alunos resistem e criam para si modos de existência que não cabem no livro de ciências.

### III

Transbordamos o nosso corpo,  
um esforço para mexer a carne,  
corpo latente,  
fazer para nós um corpo sem órgãos,  
órgãos e matéria,  
blocos de intensidades,  
sem profundidade...multiplicidades de corpos...corte, aberturas, passagens, devires...

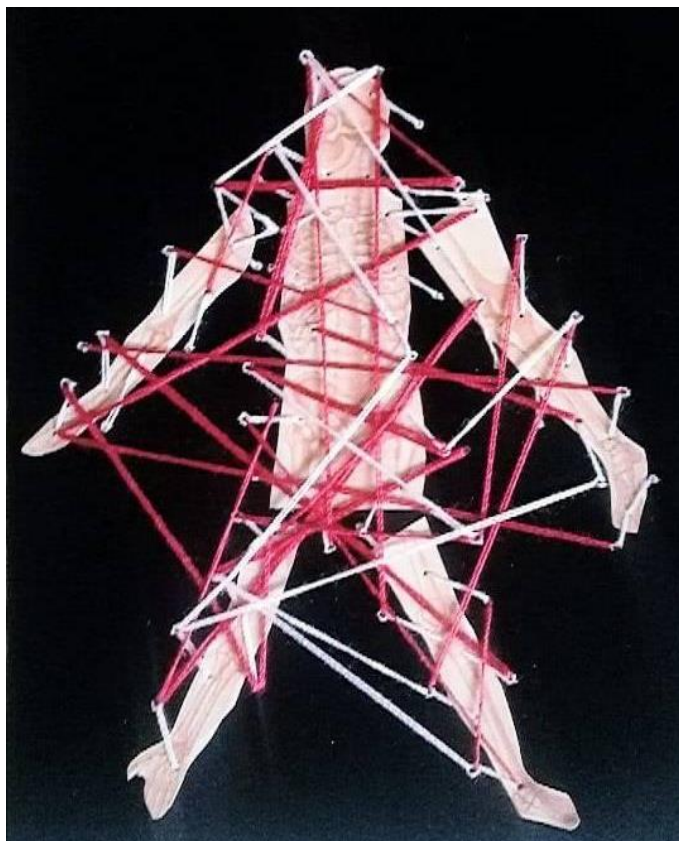


Figura IV  
Fonte: dos autores

O desejar é entrar em devir, um exercício político para combater as forças da imitação e da generalidade que ordenam e engendram a vida e o pensamento. Um pensar com imagens, onde as palavras estão postas, as normas estão definidas, não existe força questionadora, apenas reprodução. Deleuze e Guattari (2013) se afastam dessas miragens, para os autores o importante é aquilo que passa, trespassa, muda, pois a vida e o pensamento não percorrer a totalidade do “Ser”, antes, porém, “vir-a-ser”, tornar-se (devir).

O termo “devir” que originalmente vem do francês *devenir*, que em livre tradução significa tornar-se, nada tem de metafórico, não se trata de atingir uma forma, “ora, devir não é mudar, já que não há término ou fim para o devir” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 23), mas de escapar de uma forma dominante, fissurar os códigos disciplinadores, criar para si linhas de fugas inventivas. Um devir é um portal que nos convida a velejar por rios nunca antes navegados, ele não quer “imitar, nem

fazer como, nem se ajustar a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade, não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10), o devir nessa direção não quer projetar uma essência, antes, variações, uma mudança constante que não reconhece o estático, o fixo, a identidade, não se trata de continuidade, mas de passagem, transmutação de linhas.

O devir é uma dobra da diferença que floresce no território fértil das multiplicidades, onde as linhas que compõem o corpo vibram, são agitadas em uma zona fronteira, ressoam conexões, trocas. As Moléculas entram em divisão celular, são multiplicadas no acontecimento e no encontro. O devir passa sempre por essas transições e acontecimentos, ele só existe pela experiência molecular. O devir não é metáfora, ele vibra todas as células do corpo, chocando-as umas nas outras para quebrar as estruturas da “forma homem”, abrindo o corpo para experimentação de modos não humanos de individuação. O devir opera sempre pelas aberturas na estrutura para criar outros territórios, outros desejos, outros corpos.

O devir desliza pelas linhas minoritárias (DELEUZE; GUATTARI, 2013), um povo menor a espreita, um grupo excluído socialmente... *devir-mulher, devir-animal, devir-criança...* Um convite para bailar uma dança sem coreografia, trocar a cidade pelas dunas do deserto, abandonar a estrada, desbravar a floresta. A vida regada pelos encontros é tecida a cada curva, a invenção contínua de si e a criação será sempre uma necessidade latente a cada novo caminho traçado. Não devemos temer o silêncio e a solidão do deserto, uma estrada ou uma floresta, pois o devir é uma força que opera por dilatações e contágios, há sempre um encontro alegre por vir, um parceiro de viagem. A dilatação é uma potência que não deseja capturar o outro, trata-se sempre de compor com o outro, desbravar juntos os territórios em um máximo de alteridade, tornando o percurso sua morada, sua potência de vida.

Devir não é atingir uma imagem, um modelo ou uma forma. Quando Deleuze e Guattari (2013) invocam a mulher, a criança ou o animal não é para representar ou imitar, antes, criar alianças afetivas, fluídas e rizomáticas para desabar as estruturas das políticas de identidade, logo, experimentar um devir-criança não é retornar ao

estado de infantilidade para imitar as tolices da criança, na mesma direção o devir-mulher não pressupõe passar um batom ou vestir uma saia; bem como o devir-animal não é latir como um cachorro. A imitação é um caminho perigoso que ameaça os fluxos do desejo. O devir é ele mesmo um fluxo que fissa as identidades e dar vazamentos aos desejos que outrora estavam “aprisionados”, pois um devir jamais se conclui, ele um processo de agenciamento do desejo.

#### IV

Como acordar no nosso corpo empírico?  
Dizer sim as intensidades, sem habitualidades,  
Um corpo cortado ainda pode ser um corpo orgânico, embora possa buscar o fora das  
camadas dogmáticas, nada de natural,  
Que saberes moldam nossas camadas?  
Como desarranjar as camadas que nos instauram como corpo orgânico,  
fixo, fechado?  
Para instaurar o corpo sem órgãos é necessário uma lógica do paradoxo.  
Agenciar outras multiplicidades...

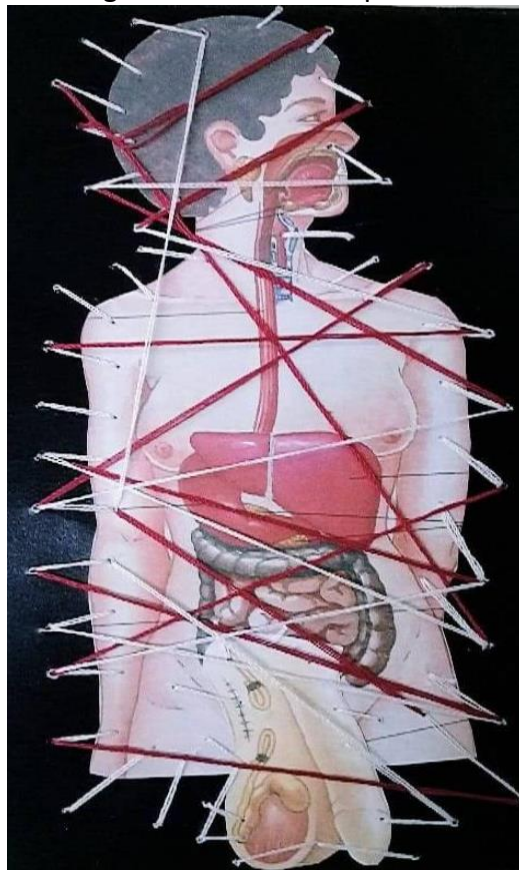


Figura V  
Fonte: dos autores

Se fôssemos pensar em uma cadeia molecular dos devires, certamente o devir-mulher ocuparia um lugar na base, considerando que “todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 66), o devir-mulher é o porto de onde todos os devires partem rumo ao mar aberto, não entramos em devir sem antes passar pelo devir-mulher, ele é a chave de todos os devires minoritários, ele é a força capaz de deflagrar todos os outros devires.

Tornar-se mulher é o primeiro ato de resistência para escapar da forma homem e suas classificações dicotômicas “o devir-mulher abala as estruturas do ser homem, por isso a linha molar traça um plano definido de modelos dominantes: homem, branco, adulto, racional, heterossexual, trabalhador, ocidental” (LATTANZIO, 2011, p. 158). No ocidente o corpo social e cultural é maquinado pelas forças repressivas da ciência e do capitalismo que forjam uma composição binária. O devir-mulher, contra toda essa lógica perversa que engessa o corpo, é uma abertura para todas as forças estranhas que:

Entrar em um devir-mulher é afetar o corpo com misturas, sensações, desejos, rompendo com a imagem do Édipo e com codificações biológicas do sexo XX e XY, o devir-mulher é uma dobra, ele quer inventar outros modos de existência, uma vida mais intensiva. Não se trata de ser homem ou mulher, mas estilhaços, fragmentos de um e de outro, pois o devir não deseja capturar o outro em um sentido unilateral, antes, uma dupla captura, as células de um corpo entrando em composição com outro corpo por zonas fronteiriças, aceleração de partículas que entram em variação, contágios, misturas... O devir-mulher contagia a organização celular do homem e também da mulher, pois existe uma forma da mulher que é codificada na mesma proporção que o homem, por outro lado na mulher existem forças que são desestabilizadoras da identidade, abrindo o corpo para novas subjetividades (BRITO, 2016).

O corpo da mulher foi modelado pelo homem, tentaram cruelmente fixar nele uma essência feminina, falharam! A mulher está em conexão com fora, com o infinito, o devir. Brito (2016, p. 312) narra um corpo da mulher livre da imagem do homem, um corpo sem imagens, talvez uma paisagem “[...] trajeto devir, que promove embaralhamento de lugares, traçados, deslocamentos, transversalidades, multiplicidades, que fazem qualquer corpo rodopiar pela diferença e na diferença”. A

forma homem opera por codificações do desejo aprisionando os fluxos de experimentação. Devir-mulher é uma força que quer descodificar, libertar, criar aberturas na pele, dar ao corpo uma potência nômade, uma máquina de guerra que recusa ficar imóvel em um sexo, uma categoria, uma identidade.

Quando entramos em um devir-mulher deixamos para trás a imagem da representação, da generalidade e da semelhança e com ela o corpo engendrado nos padrões binários da biologia. Todavia, romper com esses regimes de dominação é só o primeiro desafio rumo a uma vida mais intensa, é preciso ainda criar modos de habitar o mundo, inventar um corpo.

V

O vazio, elemento paradoxal, non-sense,  
 Costura,  
 Superfície,  
 Ponto aleatório,  
 O desaparecer do corpo,  
 Fazer fugir,  
 Fazer saídas,  
 O corpo localizado é corpo da ciência,  
 Corpo das crianças, corpo devir...

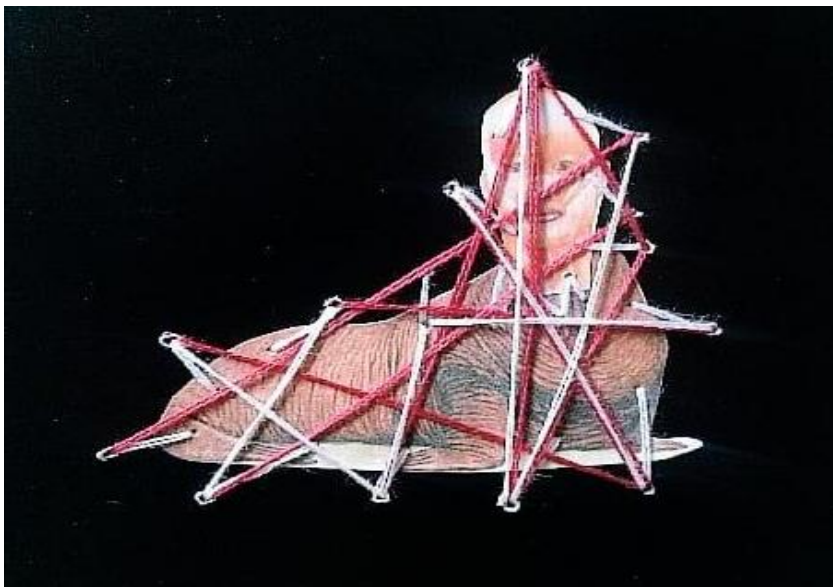


Figura VI  
 Fonte: dos autores

Um corpo em devir carrega o traço sublime de uma inocência perdida que não



conhece as regras do jogo, as normas, os limites... A inventividade é a força motriz do corpo em devir, sua arma para resolver os problemas capitais e transitar pela vida reconhecendo as potências do novo. Uma miragem em que a vida é contrastada com a criação, brotando no território árido da vida a possibilidade de criar um corpo que não tem compromisso com a imitação biológica, humana, mas com a travessia, com a criação de um território que não quer ser habitado e sim abandonado, para então criar outros territórios... Nessa dinâmica reside a multiplicidade, um entrada para o devir-animal.

O devir-animal é uma aliança com a multiplicidade, “Num devir animal, estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 20). No devir-animal há sempre uma composição de matilhas, alcateias, enxames ou bandos, em respostas aos fatores externos do ambiente, um verdadeiro organismo multicelular, multi molecular que se expande sempre por contágios, estilhaços, transbordamento para criar um novo território. Aprendemos na biologia que os bandos estão sempre em deslocamentos, um movimento disparado pela captura de recursos (água e alimentação), pela reprodução ou pela fuga das estações que oferecem condições adversas a vida.

Criar alianças, estabelecer parcerias, encontrar aliados e unir força fazem parte da vida animal, da matilha, dos bandos... Uma multiplicidade floresce da vida animal, um mergulho no múltiplo, uma dobra para entrar no devir-animal. Quando entramos em devir deixamos as identidades fixas do “eu” de lado e nos tornamos multidão e enxame e alcateia e bando e manada e matilha e, e, e... Expandindo-se ao infinito e além... Um devir-animal quer desfazer a organização humana do corpo (DELEUZE; GUATTARI, 1977).

Falamos anteriormente em um devir-mulher como enfrentamento as dicotomias binária homem/mulher, macho/fêmea, masculino-feminino e possibilidade de experimentar os “n sexos moleculares sobre a linha de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 71), quando conectamos a temática do corpo e suas intensidades o devir-mulher compõe uma aliança com o devir-animal, uma espécie de bloco (SILVA, 2000),

como exemplifica Deleuze e Guattari através do caso Guerreiro e Amazona, uma dupla troca, zonas de contágios que não produzem imitações, animal e mulher, mas o devir-mulher de um no devir-animal do outro, em uma mesma série-bloco “onde o guerreiro torna-se animal por sua vez por contágio da donzela, ao mesmo tempo em que a donzela tornar-se guerreira por contágio do animal (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 71), um único bloco zigzagueante, pois devir é uma relação de duas forças que se encontra, uma dupla captura, um duplo roubo. A junção de forças acaba por instaurar uma máquina de guerra, onde circulam afetos impessoais, constituindo um “corpo não humano”, as multiplicidades em perspectivas contra a identidade e o EU.

**VI**  
**O que pode um corpo?**

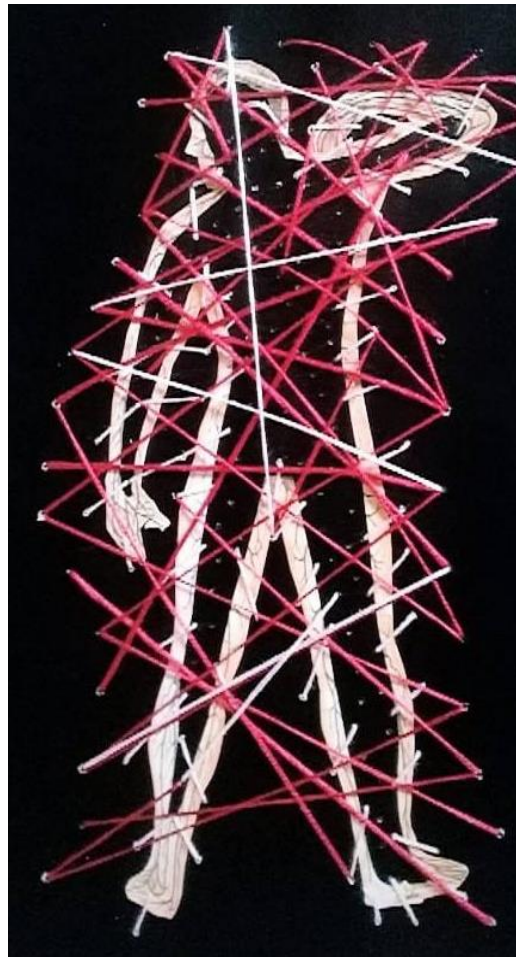


Figura VII  
Fonte: dos autores

O corpo encontra no devir-imperceptível sua potência de indiscernibilidade. Se o devir-mulher equivale à nascente de um rio, certamente o devir-imperceptível é o mar aberto onde todos devires deságuam. Entrar em devir-imperceptível é se misturar com as águas do oceano, com a paisagem para não se deixar capturar, uma forma de passar despercebido pelos blocos molares. O devir-imperceptível acelerar as partículas do corpo, tornando-as micropartículas dissolvidas capazes de percorrer fluxos de linhas intransitáveis pela matéria molar, as radículas do rizoma. A camuflagem é a defesa do devir-imperceptível e a velocidade seu ataque, não contra o inimigo, mas para escapar dele, ser mais rápido que o predador, mais veloz que o instante, tão ágil que nem os olhos podem alcançar. Como deslizar pelas linhas estreitas que engendram a vida sem, para isso, ser esmagado ou notado? Tornar-se leve, rápido e sutil dirão Deleuze e Guattari... Quem sabe caminhar pela floresta densa em vez da clareira, dilatar-se sim no território, mas com cuidado para não ser capturado pelas armadilhas do inimigo... O devir-imperceptível é um aprendizado, um movimento de “ser como todo mundo”, o que claro é muito diferente de “ser todo mundo”, uma potência, um devir-mundo (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

O guerreiro nômade eleva o devir-imperceptível a sua máxima potência, sua máquina de guerra. Ser nômade é maquinar movimentos de desterritorialização e reterritorialização, é fissurar as amarras da identidade fundamentada na razão binária que bifurca a vida sempre em dois pólos distintos (homem/mulher, adulto/criança/humano/animal). Destituir o rosto dessa imagem dicotômica, torná-lo invisível e flexível não é matar a si mesmo, ao contrário, é dar a vida intensidade, permitir que conexões sejam estabelecidas, composições sejam criadas, novos arranjos sejam tecidos e, principalmente, é pugnar o “EU” do nosso corpo, para torná-lo múltiplo, animal, criança, mulher, imperceptível. Entrar em devir-imperceptível é, segundo Deleuze e Guattari (2013), fazer travessuras como a Pantera Cor-de-Rosa<sup>6</sup>. Pergunta-se: quais ações desse personagem fantasioso inspiraram Deleuze e Guattari na produção conceitual do devir-imperceptível? A Pantera Cor-de-rosa era astuta, ela pintava as paredes à sua cor (rosa) para se deslocar sem ser notada pela multidão. A

---

<sup>6</sup> Desenho animado dos filmes de Blake Edwards).

pantera maquinava um devir-rosa do mundo para que ela mesma devenha imperceptível. Quando o mundo devém rosa, quando pintamos a parede ou vestimos a capa da invisibilidade, quando compomos um organismo com o mundo, não há mais nada a falar, apenas o silêncio, o inefável, pois já estamos para além do que as palavras podem dizer ou esconder (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

## VII

Abandonar as linhas duras, encontrar forças nas linhas moleculares e de fuga é um exercício corporal de entrar em devir-mulher para desintegrar as moléculas identitárias do corpo, esquecer das regras, das normas, dos segredos sujos da família, decompondo os extratos do “EU” para devir-animal, compondo com as matilhas e a multidão uma multiplicidade, e então, como poeira cósmica, passar despercebido pelas forças reducionista do corpo experimentar o devir-imperceptível.

Aventure-se pela vida, ela é bela, junte-se ao mundo, misture-se nele, mesmo na sua miséria, há sempre um encanto a brotar no deserto árido da vida, há sempre um encontro por vir, ainda que seja de almas... Esse me parece ser o convite deleuzeguattariano. Os devires que são processos do desejo, passagens... Devir-mulher/criança/animal/imperceptível são os devires que Deleuze e Guattari nos presenteiam, crie para si seus próprios devires, seus próprios corpos, fissure os livros didáticos, costure corpos (im)possíveis, não-humanos, não-reais, não-biológicos.

## REFERÊNCIAS

BRITO, M. R. **Entre as linhas da educação e da diferença**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

COSTA, D. W. S; SILVA, C. A. S. “Que palhaçada é essa?”: um relato sobre a sexualidade no ensino de ciências. **Diversidade e Educação**, v. 5, n. 2, p. 96-101, 2017.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

\_\_\_\_\_. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DESCARTES, R. **Discurso del método**. Ediciones Colihue SRL, 2004.

LATTANZIO, F. F. **O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação**. Dissertação de mestrado UFMG. 2011. Disponível em [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-8J9G7E/disserta\\_o\\_felippe\\_lattanzio\\_vers\\_o\\_definitiva\\_o\\_lugar\\_do\\_g\\_nero\\_na\\_psican\\_li\\_se.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-8J9G7E/disserta_o_felippe_lattanzio_vers_o_definitiva_o_lugar_do_g_nero_na_psican_li_se.pdf?sequence=1)

MACHADO, R. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RAMOS, M. N. C; BRITO, M. R. As linhas que tecem o aprender e o ensinar em ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 20, 2018.

SANTOS, H. S. S; BRITO, M. R. Esquizografias dos afetos: sexualidade entre paisagens. **Momento Diálogos em Educação**, v. 25, n. 1, p. 233-256, 2016.

SCHÖPKE, R. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, C. V. **O conceito de desejo na filosofia de Gilles Deleuze**. Tese de Doutorado. Unicamp. 2000.

SILVA, C. A; COSTA, D. W. S. Construção de novos olhares a partir do cinema: encenando novas educações, sexualidades e des-gêneros. **Diversidade e Educação**, v. 5, n. 1, p. 42-50, 2017.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

Data de envio: 14/09/2018

Data de aceite: 10/11/2018